

A LEITURA DIALÓGICA E AS ABORDAGENS DE LEITURA NOS PERIÓDICOS NACIONAIS: POSSÍVEIS ENCONTROS E DESENCONTROS

Amanda Chiaradia Magalhães¹

Vanessa Cristina Giroto²

A leitura vem sendo amplamente discutida e abordada nos periódicos por diversas vertentes. Porém, a leitura dialógica ainda é pouco conhecida e, dessa forma, vem sendo aos poucos abordada nos trabalhos. Desta forma, este artigo tem como objetivo apresentar um breve panorama sobre como a leitura e as estratégias para seu desenvolvimento na escola vem sendo abordadas em três periódicos nacionais e apresentar a leitura dialógica como alternativa viável para potencialização e desenvolvimento de uma leitura crítica e participativa.

Para tanto, em um primeiro momento, realizamos um levantamento bibliográfico sobre como a temática “leitura e escrita” foi tratada, entre os anos de 2000 à 2010, nos periódicos: *Leitura: teoria e prática*; *Revista Brasileira de Educação* e *Caderno Cedes*. A escolha dos periódicos se deu, por serem de grande relevância e impacto científico em nosso país. Apresentaremos então, as abordagens apresentadas nestes periódicos bem como as práticas que eles apresentam. Em um segundo momento, discorreremos sobre como tais assuntos impactam no desenvolvimento da leitura na escola e por fim, apresentaremos a leitura dialógica como sendo uma prática que busca a leitura crítica, por meio do compartilhamento dos clássicos de literatura.

Para nossa coleta de informações entramos nos sites das revistas e buscamos pelas palavras-chaves: leitura, leitura e escrita e estratégia de leitura. Os artigos eram selecionados tendo em vista sempre o ano de sua publicação e se a temática cabia ao que estávamos buscando. Desta forma, organizamos no quadro a seguir o número de artigos encontrados e utilizados em nosso levantamento:

	Revista Brasileira de Educação	Educação e Sociedade	Leitura: teoria e prática
1ª seleção	52	16	14
Seleção Final	8	4	6

Quadro 01 – Artigos encontrados e analisados

No total foram selecionados 18 artigos. Destes, apenas 2 discorriam como deveria se desenvolver a leitura crítica apresentando estratégia de leitura. Os demais, abordavam a temática e asseveravam a importância da leitura crítica, da leitura de diferentes gêneros textuais porém, não apresentavam alternativas palpáveis de como se fazer.

Notamos que há alguns pontos semelhantes (mesmo não sendo este o foco do trabalho) entre a teoria por nós proposta (da Aprendizagem Dialógica) e os conceitos encontrados nos artigos. Os textos trazem, em sua maioria, diferentes concepções de leitura/escrita e discorrem sobre uma perspectiva crítica de leitura e reiteram a importância de uma leitura dialógica, mas notamos que o fazem não sob o mesmo olhar que estamos propondo, ou seja não seguem os princípios teóricos da Aprendizagem Dialógica.

Os artigos encontrados afirmam que é preciso romper com o modelo de leitura tecnicista, porém não apresentam um novo modelo para que se efetive a leitura com êxito. Vale ressaltar que o termo dialógico e diálogo encontrado nos artigos por nós analisado foi utilizado a luz dos

¹ Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, Alfenas/MG, Brasil. E-mail: amanda.ch.magalhaes@gmail.com.

² Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG, Alfenas/MG, Brasil. E-mail: vanessagirotto@yahoo.com.br.

pressupostos de Bakhtin (autor que foi utilizado recorrentemente nos artigos por nós analisado) e não a partir dos pressupostos de Freire (2010). Não nos cabe aqui fazer uma comparação entre os dois autores, só queremos deixar claro que a leitura dialógica que estamos propondo incorpora alguns conceitos de Bakhtin, não necessariamente o conceito de diálogo proposto por este autor.

O diálogo na perspectiva freireana, que é o foco de nosso trabalho, é o que possibilita a criação individual bem como a transformação do mundo pelos sujeitos, sendo por esse motivo banida a ideia de que uma pessoa é responsável por depositar seus pensamentos em outra pessoa. Cada sujeito, através do diálogo é capaz de conseguir sua significação com o mundo.

Diante da análise realizada, concluímos que ainda há muito a ser estudado, no sentido de atuarmos enquanto sujeitos no mundo e contribuir para pensarmos ações e transformações necessárias ao campo da leitura.

Os artigos por nós encontrados e analisados nos mostram que houve um avanço nas perspectivas de leitura e escrita no decorrer das décadas, demonstram uma preocupação em observar e estudar como o(a) aluno(a) se apropria destes elementos. Por outro lado, as publicações atuais revelam uma fragilidade de novas ações neste campo, uma vez que como já citamos acima, poucos foram os artigos que apontaram maneiras de trabalhar a leitura/escrita de forma a contribuir para a formação de leitores críticos e fluentes na atual sociedade.

Assim como o proposto por Freire (2010), além da denúncia é necessário fazer o anúncio. No caso do nosso trabalho, apresentamos a Leitura Dialógica como o anúncio de que se é possível trabalhar com a leitura crítica, por meio do compartilhamento da leitura de literatura clássica.

O conceito de **aprendizagem dialógica**, que foi elaborado por Flecha (1997) em conjunto com pesquisadores do CREA/ES, e é formado por princípios “que se articulam nas formulações teóricas para permitir descrever o que, na prática se dá como uma unidade.” (MELLO, BRAGA e GABASSA, 2012, p. 44). Em uma concepção dialógica da aprendizagem entende-se que as pessoas aprendem a partir das interações entre os sujeitos e também que todos(as) possuem algum conhecimento que contribui na construção do conhecimento dos outros, ou seja, em uma aprendizagem dialógica as pretensões de igualdade destacam-se em relação ao poder.

Podemos afirmar que o século XXI tem se apresentado por diferentes autores, por exemplo Castells (1996), com a denominação de sociedade da informação, do conhecimento e do risco. O que elas têm em comum? Gómez et al. (2006) nos indicam que em todas elas, o diálogo se constitui como uma nova categoria social inerente às relações sociais, influenciando em todos os âmbitos: econômico, político, pessoal, familiar e social. As autoridades antes inquestionáveis agora se abrem ao diálogo, mostrando uma significativa mudança em todas as esferas citadas. De acordo com Aubert et al. (2008): “as relações de poder baseadas na autoridade da sociedade patriarcal estão dando espaço para as relações dialógicas onde ou se consensuam as coisas ou há um conflito permanente quando não se chega a nenhum acordo”.(p. 29)

Nesse sentido, os espaços abrem-se mais para o diálogo, incluindo a escola, a família e as relações de forma geral. As elaborações teóricas de Flecha (1997) e sua equipe indicam alguns princípios centrais na constituição do conceito de aprendizagem dialógica, são eles: Diálogo Igualitário, Inteligência Cultural, Transformação, Dimensão Instrumental, Criação de Sentido, Solidariedades e Igualdade das Diferenças. Estes preceitos, que aparecem aqui separadamente, na prática só funcionam se estiverem juntos. Para ser possível uma aprendizagem dialógica, os princípios devem estar funcionando como uma unidade, se algum deles falhar a proposta de aprendizagem dialógica não funciona.

O eixo central de uma perspectiva de Aprendizagem Dialógica está pautado em Atuações educativas de êxito (FLECHA, 1997). Estas ações têm como objetivo aumentar o rendimento

acadêmico e melhorar a convivência entre todos os setores da escola/comunidade. Uma das atividades realizadas é a Tertúlia Literária Dialógica (TLD) ou apenas Leitura Dialógica, que como afirma Girotto (2011), é um processo não apenas de leitura, mas também de diálogo, por meio do qual as pessoas podem intercambiar ideias, aprender conjuntamente e produzir mais conhecimento, encontrando, assim, novos significados que transformam a linguagem e o conteúdo de suas vidas. De acordo com Valls, Soler e Flecha (2008):

A leitura dialógica é o processo intersubjetivo de ler e compreender um texto sobre o que as pessoas aprofundam em suas interpretações, refletem criticamente sobre o mesmo e o contexto, e intensificam sua compreensão leitora através da interação com outros agentes, abrindo assim possibilidades de transformação como pessoa leitora e como pessoa no mundo (ibid., p. 3).

De acordo com os estudos que embasam essa perspectiva (GIROTTTO (2011), MELLO et. al, (2006), SOLER (2001), FLECHA (1997)), o ler dialogicamente implica mover o centro do ato de significado de uma interação subjetiva entre a pessoa e o texto, em nível individual, para uma interação intersubjetiva entre crianças e ou pessoas jovens e adultas em relação a este mesmo texto.

A palavra tertúlia é de origem Espanhola e significa encontro, de acordo com o dicionário. A Tertúlia Literária Dialógica é uma atividade cultural e educativa. E segundo Flecha (1997) está organizada da seguinte forma:

A tertúlia literária dialógica se reúne em uma sessão semana de duas horas. Decide-se conjuntamente o livro e a parte a ser comentada na próxima reunião. Todas as pessoas leem, refletem e conversam com familiares e amigos durante a semana. Cada uma traz um fragmento eleito para ler em voz alta e explicar por que lhe resultou especialmente significativo. O diálogo vai se construindo a partir dessas contribuições. Os debates entre diferentes opiniões se resolvem apenas através de argumentos. Se todo o grupo chega a um acordo, ele se estabelece como a interpretação provisoriamente verdadeira. Caso não chegue a um consenso, cada pessoa ou subgrupo mantém sua própria postura; não há ninguém que, por sua posição de poder, explique a concepção certa ou errônea. (FLECHA, 1997, p. 17)

Outra característica da TLD é o tipo de literatura que esta atividade se baseia. Para se realizar, é preciso ler os clássicos da literatura universal, já que como afirma Girotto (2007) os livros clássicos conseguem “ser eternos e sempre novos”, uma vez que sua história sobrevive ao tempo e pode ser lido com o olhar voltado para o hoje, transcendendo assim o tempo e o espaço que foi escrito, além do mais, os clássicos são importantes por suas leituras serem um legado eterno para a Humanidade (Machado, 2002).

Ainda segundo Girotto (2011) a leitura de um clássico deve estar ao alcance de todas as pessoas, já que é considerada uma obra de qualidade lexical, semântica inquestionável, e o acesso a tais obras auxiliam no processo de multiplicação de novos leitores(as) que, “à medida que fazem a leitura, passam a incorporar novas leituras, novas histórias, enriquecendo, assim, o diversificado mosaico delineado por este tipo de literatura.” (p. 103), ou seja quando é realizada a leitura dos clássicos, o leitor é capaz de fazer significações subjetivas a partir daquilo que o livro despertou (lembranças, sonhos, dúvidas, desejos) fazendo então sua própria leitura. Para Machado (2002)

[...] não há ordem cronológica. A leitura que fazemos de um livro escrito há séculos pode ser influenciada pela lembrança nossa de um texto atual que lemos antes. Ora lemos mais de um livro ao mesmo tempo (e eles inevitavelmente se contaminam nesse momento), ora somos obsessivamente

possuídos por um único texto que não conseguimos largar, ora passamos um tempo sem ler, apenas remoendo o que foi lido antes. (ibid., p. 130)

A atividade de TLD, de acordo com Mello et al, (2006), tem como principais objetivos: o desenvolvimento de processos de transformação pessoal e do entorno próximo para superar situações de exclusão social, cultural e/ou educativa; a promoção do encontro de diferentes pessoas, de diversas origens e descendências com obras da literatura clássica universal e nacional; o estímulo ao acesso a diferentes conhecimentos e modos de vida como ampliação da solidariedade e da possibilidade de convívio entre as pessoas; a explicitação da existência da inteligência cultural como capacidade de se aprender diferentes coisas ao longo de toda a vida, e o auxílio na criação de sentido para a leitura como atividade cultural, de direito de todos/as.

Na leitura dialógica a figura de um moderador(a) é imprescindível, uma vez que é ele quem fará a organização das inscrições, garantindo o diálogo igualitário bem como quem terá direito a falar primeiro (por seguir os sete princípios da aprendizagem dialógica, a TLD dá sempre preferência as pessoas que ainda não falaram e fazem parte de algum grupo de minoria, ou seja, pessoas que socialmente são excluídas seja pela sua cor da pele, grau de instrução, sexo, etc.). O moderador(a) nem sempre é o professor(a) ou alguém com titulação acadêmica, mas sim aquela pessoa que mais conhece a atividade e contribuirá para que seja respeitado e seguido os princípios que orientam a atividade.

Tal proposta vem ganhando êxito, em âmbito internacional e nacional, como já anunciamos anteriormente, por apontar resultados significativos para o aprendizado da leitura, bem como por romper com um ensino bancário, criticado por Freire (2010) e colocar os diferentes saberes em interação (Vygotsky), mediados pelo diálogo. Por esse motivo, por acreditar que ler dialogicamente potencializa o ensino, instiga a criticidade e aguça a curiosidade, que estamos propondo neste estudo aprofundar os estudos em torno desse tema e ao mesmo tempo identificar na literatura atual alguns elementos que nos ajudam a estabelecer a ponte entre o que foi produzido atualmente (entre os anos 2000 a 2010) e o que a vertente dialógica vem afirmar. Afirmamos a importância desse estudo por entendermos a necessidade de dialogar com o que se tem produzido e ampliar, assim, o processo de ensino e de aprendizagem da leitura na atual sociedade.

Por fim, gostaríamos de reafirmar que, longe de ser a solução para todos os problemas que o ensino e a aprendizagem de leitura vem enfrentado, a leitura dialógica se apresenta como sendo uma alternativa viável que rompe com o modelo mecanizado de leitura, propondo uma leitura crítica por meio do compartilhamento dos saberes e a construção de novos conhecimentos por meio da interação.

Nosso trabalho diagnosticou que, apesar da preocupação com o desenvolvimento da leitura crítica e participativa (proclamada desde os documentos oficiais até os projetos políticos pedagógicos das escolas) apontada pelos artigos por nós analisado, havia uma lacuna a ser preenchida neste cenário: apresentar alternativas para que educador(a) pudesse trabalhar em sala de aula. Desta forma, nosso trabalho tem o intuito de anunciar a leitura dialógica como uma prática que supre tais necessidades e que amplia não só o quesito instrumental de seus participantes, mas também amplia sua leitura de mundo, uma vez que há a interação de diferentes saberes.

Referências

AUBERT, A. et al. **Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información**. Barcelona: Hipatia Editorial, 2008.

- ELBOJ et al. **Comunidades de aprendizaje**: transformar la educación. Graó, 2002.
- FLECHA, Ramón. **Compartiendo Palabras**: al aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. [s. l.]: Paidós, 1997
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, 43. ed.
- GIROTTO, Vanessa C.; MELLO, Roseli R. de; **Tertúlia Literária Dialógica entre crianças e adolescentes**: conversando sobre âmbitos da vida. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- GIROTTO, Vanessa C. **Leitura Dialógica**: primeiras experiências com Tertúlia Literária Dialógica com crianças em sala de aula. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- GÓMEZ, Jesus, et al. **Metodologia comunicativa crítica**. Barcelona: El Roure, 2006
- MACHADO, Ana. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. – **Comunidades de Aprendizagem**: outra escola é possível. São Carlos: EdUFSCar, 2012.
- MELLO, Roseli. R. et al. Tertúlia Literária Dialógica: espaço de aprendizagem dialógica ao longo da vida. Artigo apresentado no **3º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, de 23 a 25 de outubro de 2006.
- SOLER, Marta. **Dialogic Reading**: a new understanding of the reading event. 2001. Tese (Doutorado), Harvard University, 2001.